

**O ALENTEJO, OS MONUMENTOS MEGALÍTICOS E A ARQUEOLOGIA PÚBLICA**

]  
**ALENTEJO, MEGALITHIC MONUMENTS AND PUBLIC ARCHAEOLOGY**

Sira Camacho, arqueóloga - Eborá Megalítica  
[siracamacho@gmail.com](mailto:siracamacho@gmail.com)

**ABSTRACT**

The megalithic monuments of Alentejo are the ideal excuse to think about our Alentejo identity. Bearing in mind that it is in the Neolithic period that the foundations for the development of this geographic and cultural identity were established, this work intends to discuss how Archaeology, through the study of the material culture of our Neolithic ancestors, can contribute to the understanding of this identity and, finally, reflect on how Public Archaeology can promote relationship between us and the first farmers and shepherds of Alentejo, aiming to create communities that are more informed and capacitated to think about their past, their present and their future.

**Key Words:** Archaeology, Public Archaeology, Neolithic, Megalithism, Alentejo

**RESUMO**

Os monumentos megalíticos Alentejanos são o pretexto ideal para pensar sobre a nossa identidade alentejana. Tendo em conta que é no Neolítico que se estabelecem as bases para o desenvolver desta identidade geográfica e cultural, este trabalho pretende discorrer sobre como a arqueologia, através do estudo da cultura material dos antepassados neolíticos, pode contribuir para a compreensão desta identidade e, por fim, reflectir sobre como a arqueologia pública pode promover a aproximação entre os alentejanos no passado e os alentejanos do presente com intuito de criar comunidades mais informadas e capacitadas para pensar sobre o seu passado, o seu presente e o seu futuro.

**Palavras-Chave:** Arqueologia, Arqueologia Pública, Neolítico, Megalitismo, Alentejo

**INTRODUÇÃO**

No Alentejo ainda se ouvem os ecos dos primeiros alentejanos: os pastores e agricultores que deram o mote para uma ocupação de um território ao longo de milénios. O seu legado encontra-se, até hoje, no nosso estilo de vida, na nossa paisagem, na nossa gastronomia e nos nossos padrões de imaginário.

A Arqueologia permitiu-nos, através do estudo dos seus monumentos, povoados e artefactos, conhecer um pouco melhor estes nossos antepassados neolíticos.

A Arqueologia Pública está a ajudar-nos a melhor comunicar a importância da preservação e estudo dos vestígios do passado, bem como a dotar-nos de melhores estratégias de defesa do património.

Os monumentos megalíticos, pela sua popularidade e carisma, são o pretexto ideal para trabalhar o pensamento crítico, criando comunidades mais informadas e capacitadas para pensar sobre o seu passado, o seu presente e o seu futuro.

## Alentejo - Breve caracterização do Território



160

Foto 1. Paisagem em torno do Cromeleque dos Almendres. Podem ver-se os sobreiros, árvores das quais se retira a cortiça. Fonte: acervo pessoal.

O Alentejo é uma região situada no sul de Portugal. Delimitada a Norte, pelo rio Tejo, a Sul pelo Algarve, a Oeste pelo Oceano Atlântico e a Este pelo Rio Guadiana e a fronteira com Espanha. Sendo uma região bastante ampla, o Alentejo abarca uma diversidade de paisagens que vão das praias e escarpas atlânticas até às planícies e serras do interior.

No Alentejo, com o seu inegável potencial natural, favorável à ocupação humana, é propiciada uma fusão entre ecossistemas naturais, como a floresta mediterrânica primitiva, e ecossistemas artificiais, como o Montado.

Em suma, o Alentejo encerra uma História milenar bem como uma vasta cultura material onde o rural e o urbano coexistem e se misturam, como resultado de milénios de ocupação humana e a conseqüente manipulação das paisagens ao seu redor.

A Arqueologia no Alentejo tem-se dedicado ao estudo destas ocupações humanas desde a Pré-História até praticamente ao início do século passado, evidenciando toda uma diacronia de um espaço geográfico e cultural.

Apesar de existirem registos de ocupação humana bem anteriores, se procurássemos um momento em que o Alentejo que conhecemos começou a ganhar forma, o Neolítico seria o melhor candidato. O seu estudo tem trazido à luz do dia aspectos do quotidiano dos primeiros alentejanos, pastores e agricultores, a prosperarem nas nossas planícies e serras, criando esta paisagem feita de floresta, terrenos agro-pecuários e pedras grandes que ainda hoje nos rodeia, protege, alimenta e apaixonava.

O megalitismo é uma das expressões mais interessantes desta ocupação neolítica do território alentejano. Sendo uma criação de humanos distantes no tempo e sem registo escrito, os

monumentos megalíticos têm inspirado as mais diversas interpretações e estórias, presentes, ainda hoje, no léxico popular.

### Monumentos Megalíticos Alentejanos



Foto 2. Cromeleque da Portela de Mogos, Évora. Fonte: acervo pessoal.

O megalitismo consiste na utilização de grandes blocos de pedra na construção de monumentos. Este é um fenómeno global, sendo possível identificar monumentos megalíticos por todo o mundo com uma grande diversidade de cronologias.

De entre as paisagens megalíticas que povoam a Europa, é no Alentejo que, até ao momento, se identificaram os monumentos megalíticos mais antigos, levando alguns investigadores a apontar a região do Alentejo Central como o centro de criação da cultura megalítica do Oeste europeu.

Quando falamos de monumentos megalíticos do Alentejo Central, referimo-nos a três tipos diferentes de monumentos produzidos ao longo de todo o período Neolítico: os menires, os recintos e os dólmenes.

### Menires do Alentejo Central



Foto 3. Menir dos Almendres, Évora. Fonte: acervo pessoal.

Comparativamente com outros menires da Europa, os menires do Alentejo Central começaram a ser consistentemente estudados e identificados muito recentemente, na década de 1960.

Quando Henrique Leonor Pina, também conhecido por Pai dos Menires, identificou o Cromesque dos Almendres, iniciou uma “Febre dos Menires” no Alentejo. Leonor Pina, um homem à frente do seu tempo, começou a consultar os habitantes locais e a projectar nas paredes das suas casas, fotos de menires franceses, perguntando-lhes se já tinham visto algo semelhante nos campos. Os resultados foram surpreendentes e conseguiu identificar muitos menires e recintos megalíticos como resultado desta proximidade.

No que diz respeito às datações para a sua construção, verificou-se que os menires mais antigos do Alentejo foram erguidos há quase 8000 anos, na transição entre o Mesolítico e o Neolítico, e os mais recentes, durante a Idade do Ferro.

Acredita-se que os construtores foram as primeiras comunidades de agricultores e pastores que se começaram a instalar na região. Usando os mesmos conceitos-chave que ainda hoje usamos para mover objectos pesados, tinham cordas fortes, o conhecimento de que as coisas cilíndricas rolam (ou o conceito da roda) e boas alavancas.

Dependendo do tamanho da pedra utilizada e da quantidade de menires erigidos, podemos estimar que um pequeno menir pode ter sido erguido por uma pequena comunidade, enquanto que a erecção de um grande número de menires pesados pode ter sido o resultado da cooperação de várias comunidades da zona de implementação.

Certamente não teriam necessidade de ir muito longe para conseguirem os seus menires, uma vez que o Alentejo Central é rico em afloramentos graníticos dos quais se destacam, como resultado dos processos erosivos, estes blocos de pedra já com uma forma natural muito próxima da desejada.

As orientações astronómicas são mais fáceis de determinar e observar nos recintos megalíticos, mas também existem algumas tentativas bem sucedidas de identificar estes alinhamentos em monólitos isolados. A maioria das orientações astronómicas, identificadas nesta região, parece centrar-se em torno dos equinócios, com particular ênfase na Primavera e na primeira lua cheia após o equinócio Vernal. Associando, deste modo, estes monumentos aos ciclos de vida e morte da Natureza.

Quando se trata da derradeira questão do “porquê?”, as interpretações mais comuns sobre as razões pelas quais os menires são erguidos estão relacionadas com a sua natureza monumental. Alguns poderão dizer que as primeiras comunidades sedentárias, coexistindo inevitavelmente com os caçadores-recolectores da região, afirmariam a sua presença no território através da construção de monumentos, demonstrando o seu poder e força. Outros poderão dizer que estão a estabelecer territórios usando menires como marcos. Ou a teoria mais consensual de que os menires podem ser representativos de algo ou ter um significado específico, como estátuas.

### Recintos megalíticos do Alentejo Central



163

Foto 4. Cromleque dos Almendres, Évora. Fonte: acervo pessoal.

Os recintos megalíticos consistem em conjuntos de menires organizados em formas específicas como círculos, semicírculos, quadriláteros e ferraduras.

Ao longo dos anos temos conseguido identificar um bom número de recintos megalíticos no Alentejo Central. A comparação entre eles permitiu-nos estabelecer que todos os nossos recintos megalíticos seguem duas regras básicas. Embora possam variar em número ou na dimensão dos menires que compreendem, tornou-se muito claro que o que têm em comum define como deveria ser um recinto megalítico construído há cerca de 7000 anos nesta região.

No que toca às regras de construção dos recintos megalíticos, poderíamos dizer que a primeira coisa que os seus construtores fizeram foi escolher um monte ou colina para implementar o monumento. No entanto, os nossos recintos nunca são construídos no topo da colina mas sim na encosta virada a Nascente. A segunda regra seria a forma do recinto, sendo que os menires estão organizados num semicírculo alongado a que, vulgarmente, chamamos forma de ferradura.

Em suma, os recintos megalíticos do Alentejo têm a forma de ferradura e são construídos em encostas viradas para Nascente.

Outra coisa que conseguimos identificar são as orientações/observações astronómicas impressas nestes monumentos. Cada recinto megalítico parece ter um menir que não está alinhado com os restantes e está ligeiramente deslocado para o centro do monumento. Aparentemente, estes menires definem a orientação do monumento e alinham-se com os equinócios.

Embora possam existir alguns outros alinhamentos astronómicos observáveis nestes monumentos, as orientações para o centro do horizonte, para Este, parecem ser um ponto em comum.

Isto leva-nos a pensar nas razões pelas quais os Equinócios são tão importantes para estas comunidades e também o que implicou observar, confirmar e imprimir estes eventos astronómicos nestes monumentos.

A ligação entre os equinócios e a Primavera/plantação e o Outono/colheita parece óbvia e é, muito provavelmente, a razão pela qual estes momentos foram escolhidos. No entanto, é justo dizer que estas pessoas não precisam realmente de olhar para um menir ou para o céu para saber quando plantar ou quando colher, pois as estações do ano são observáveis e as consequentes transformações da natureza são-lhes bem familiares.

Quaisquer que tenham sido os motivos que levaram os primeiros pastores e agricultores a construir estes recintos, as orientações astronómicas indiciam a ritualização dos calendários. Estes monumentos são testemunhas do momento em que os humanos começaram a criar uma ordem cósmica nas suas mentes e a atribuir significados ao calendário. Além disso, podemos observar que a orientação de cada recinto depende da linha do horizonte a Este, onde a simples ocorrência de uma colina, ao longe, pode significar que o local onde o sol pode ser observado a nascer é ligeiramente diferente de sítio para sítio.

Olhar para o céu não é apanágio das comunidades com estilo de vida sedentário. No entanto, a observação necessária para compreender os equinócios, como as medições azimutais, e para construir estes monumentos em conformidade só pode ser produzida por pessoas que vivem no mesmo local há gerações e têm o mesmo ponto de observação durante um longo período.

O mais notável na observação de referências astronómicas coincidentes com as estações do ano nos monumentos megalíticos é o facto de podermos ligar este “calendário neolítico” aos nossos calendários e compreender que ainda estamos a ritualizar o calendário e, até, a organizar a nossa vida laboral e social em torno dos mesmos momentos do ano. Como exemplo, temos as celebrações da Páscoa ligadas à Primavera, momento em que se observa a ressurreição/renovação na natureza, ou as celebrações como o Halloween, o Dia de los Muertos, o Dia de Todos os Santos e dos Fiéis Defuntos associadas ao Outono, momento em que feitas as colheitas se observa a morte das plantas e uma menor produtividade da terra.

É impossível não nos sentirmos ligados aos nossos antepassados quando começamos a perceber que temos o mesmo estilo de vida, comemos a mesma comida, temos a mesma paisagem à nossa volta e partilhamos os mesmos padrões de imaginário. Sim, damos nomes diferentes a coisas diferentes, temos tecnologias diferentes, mas estamos mais próximos das pessoas que viveram há 7000 anos do que imaginamos.

## Dólmenes



165

Foto 5. Anta do Outeiro de Santa Clara, Arraiolos. Fonte: acervo pessoal.

É comum e justo dizer-se que, sem registo escrito, é impossível reconstruir com certezas absolutas o imaginário das pessoas que viveram durante a Pré-História. Contudo, existe uma pequena (mega) excepção a esta regra: o dólmen, também conhecido como anta em Portugal e na Galiza. Estes monumentos funerários são constituídos por uma câmara e um corredor coberto por uma mamoa ou *tumulus* (monte de terra compactada e pedras).

Escavações em dólmenes revelam pormenores que nos permitem espreitar o imaginário destas comunidades do final do Neolítico. A ideia de que acreditavam na vida após a morte e de que existe uma sociedade estratificada torna-se muito clara quando estudamos estes monumentos.

Podemos, definitivamente, assumir que os nossos antepassados neolíticos acreditavam que voltariam à vida, apenas com base no facto de enterrarem os seus mortos na câmara do dólmen com objectos que associamos ao uso quotidiano, ainda que a maioria não pareça ter sido usada antes da sua deposição, tratando-se de artefactos votivos. Os arqueólogos exumaram uma grande variedade de objectos como cerâmicas, machados de pedra polida, punhais, lâminas, flechas, pesos de tear, agulhas, contas de colar, alfinetes de cabelo, bem como artefactos mais simbólicos como placas de xisto gravadas e/ou báculos e lúnulas.

A crença na vida após a morte parece ser uma constante nas mitologias de todo o mundo até aos dias de hoje e está muito bem documentada. Na Pré-História não temos documentação, mas podemos tirar estas ilações com base no registo arqueológico.

Construir um dólmen não é uma tarefa simples. Os níveis de organização, planeamento e esforço necessários para construir um dólmen implicam a existência de “construtores de dólmenes”. Parece existir uma evolução das antas entre o Neolítico médio e o Neolítico final. As Antas Grandes (dólmenes de grandes dimensões), construídas há cerca de 5000 anos

(Neolítico final, início da Idade do Cobre) na Península Ibérica, revelam uma experiência acumulada ao longo de séculos.

Ao analisar os restos humanos no interior das antas (mesmo que a amostra seja pequena devido à acidez dos solos e a outras questões de preservação e recolha), o número de indivíduos sepultados nestes monumentos parece muito escasso, principalmente, quando comparado com o número de indivíduos sepultados noutros contextos funerários neolíticos como os que se encontram em grutas. Pode-se argumentar que o tamanho das câmaras limita a quantidade de pessoas nelas enterradas e isso faz sentido. No entanto, não podemos ignorar que o número de pessoas necessárias para construir uma anta é muito superior ao número de pessoas que nela estão realmente sepultadas. Esta discrepância parece indicar que apenas uma pequena percentagem de indivíduos nas suas comunidades está a ser sepultada com tal monumentalidade.

Isto leva-nos a acreditar que estes indivíduos podem estar no topo de uma sociedade estratificada, sendo suficientemente importantes para motivar centenas de pessoas a construir-lhes estes magníficos túmulos.

Estes são os monumentos mais frequentes na nossa paisagem, existem centenas de dólmenes identificados no Alentejo e, esperamos, muitos mais ainda por descobrir e escavar com métodos arqueológicos modernos.

No que toca a orientações astronómicas, as medições executadas em dólmenes mostram que, em geral, os corredores e as câmaras se alinham para Nascente.

Em muitas culturas, parece existir um entendimento comum de que o Este representa a vida. Em português chamamos-lhe coloquialmente Nascente. Assim, o facto de as antas se alinharem para Este parece ser consistente com o aspecto de ressurreição e renovação que se observa no registo arqueológico.

No entanto, no Alentejo Central, os dólmenes apresentam uma oscilação destes alinhamentos num intervalo de aproximadamente 30° graus (80° - 115°) para Este, e isso é compatível com a observação do nascer da primeira Lua Cheia de Primavera ao longo do seu ciclo metónico, com duração de 18,6 anos.

A relação destes monumentos com o início da Primavera é muito curiosa, sobretudo porque proporciona uma ligação muito clara às nossas mitologias e imaginários modernos. A ideia de que a Primavera representa vida e ressurreição está bem viva hoje, mas é o alinhamento específico com a primeira Lua Cheia de Primavera que nos parece o mais interessante, pois é a mesma lua que determina as celebrações da Páscoa. Isto significa que a lua usada para determinar o dia em que os cristãos celebram a ressurreição de Cristo é a mesma lua que os nossos antepassados neolíticos usaram para determinar a orientação dos monumentos onde os seus mortos iriam voltar à vida.

### Arqueologia e Arqueologia Pública



167

Foto 6. Artefactos em exposição no Museu Interativo do Megalitismo de Mora e no Museu Municipal de Marvão.

Fonte: acervo pessoal.

*Arqueologia: Disciplina científica que estuda culturas e sociedades do passado através da sua cultura material.*

*Arqueologia Pública: Disciplina científica cujo objectivo é apresentar dados arqueológicos e interpretações desses dados ao público em geral.*

Embora a maioria das pessoas refira que considera a Arqueologia uma profissão interessante ou que até sonhou, em tempos, exercê-la, a verdade é que existe, apesar dos esforços de grandes arqueólogos e historiadores, um grande abismo entre os investigadores e o público em geral. É este abismo que motiva grande parte da indiferença, abandono, vandalismo e falta de investimento no nosso património.

A Arqueologia Pública evoluiu no sentido de criar pontes que eliminem este abismo. É uma Arqueologia que se foca no envolvimento das comunidades na produção e divulgação do conhecimento arqueológico. Utilizando diferentes ferramentas, como conferências, *social media*, programas educativos, Arqueologia experimental, programas museológicos, turismo

cultural, entre outras. Um arqueólogo público pode potenciar uma melhor comunicação e educação para o património, criar sinergias que motivem a preservação do património e, essencialmente, promovam uma melhor compreensão e relação do público em geral com a sua história.

### Arqueologia Pública no Alentejo



168

Foto 7. Painéis informativos do Centro Interpretativo dos Almendres, Évora. Fonte: acervo pessoal.

É com base na Arqueologia Pública que têm vindo a ser desenvolvidos, nas últimas décadas, vários projectos de divulgação para o património material e imaterial, móvel e imóvel no Alentejo.

Estes são projectos desenvolvidos tanto no âmbito académico, como nos sectores privado e público e, por vezes, são criadas parcerias bastante frutíferas entre ambos.

De entre os múltiplos e valorosos projectos académicos de Arqueologia Pública implementados no Alentejo que poderíamos destacar, destacamos os trabalhos pioneiros dos arqueólogos Catarina Oliveira e de Manuel Calado.

O trabalho de Catarina Oliveira consistiu num projecto de investigação em que Arqueologia e a etnologia se aliaram e se aproximaram da comunidade, reduzindo a distância entre investigador e o público, tornando, por isso, mais fácil a transmissão de conhecimento e a sua interpretação.

Já Manuel Calado, para além dos enormes contributos para investigação e prospecção da região, organizou acções de Arqueologia experimental, tendo reerguido o menir do Tojal, em Montemor-o-Novo, e o menir do Barrocal, em Reguengos de Monsaraz, com a ajuda da comunidade.

Já no sector privado, assiste-se, nos primeiros anos da segunda década do nosso século, à criação de empresas com fins lucrativos, dedicadas à comunicação e valorização do Património. São empresas pioneiras, já que os seus fundadores são arqueólogos que não queriam criar uma empresa de Arqueologia à semelhança de outras que já existiam. Queriam, sim, empresas que lhes permitissem aplicar os conceitos de Arqueologia Pública junto das suas comunidades, usando a Arqueologia, a Educação e o Turismo Cultural como ferramentas.

Uma última palavra de destaque será para dois projectos implementados com imenso sucesso nos concelhos de Montemor-o-Novo e Évora.

A plataforma Morbase<sup>1</sup>, tutelada pelo Município de Montemor-o-Novo, surgiu da cooperação entre empresas, cooperativas, investigadores montemorenses e técnicos do Município. Sendo um exemplo em que uma parceria público-privada gerou um projecto de sucesso com efectivo impacto na comunidade do concelho.

Morbase nasceu sob as linhas directoras da Arqueologia Pública de abertura e partilha de conhecimento em que a construção de um trabalho de investigação arqueológica deve sempre terminar com a comunicação ao público dos resultados científicos obtidos. Sendo, deste modo, possível cativar e sensibilizar o público para a sua herança cultural, permitindo-lhe também participar na sua defesa e gestão profiláctica.

Esta plataforma e os trabalhos desenvolvidos no seu âmbito, foram reconhecidos nos prémios do Turismo do Alentejo e Ribatejo 2017 com a menção honrosa na categoria Tecnologia e Comunicação 2017, de entre os 150 projectos candidatos às várias categorias.

Por último, no concelho de Évora, salienta-se a empresa Eborá Megalithica e o Centro Interpretativo do Almendres. Fundada pelo arqueólogo Mário Carvalho, esta empresa tinha como maior foco o turismo cultural dos monumentos megalíticos da região. Durante uma década, esta foi a actividade principal da empresa e foi no decorrer deste trabalho que foi identificada a necessidade da criação de um espaço de acolhimento ao visitante mais próximo dos monumentos.

Neste contexto, é criado em Guadalupe (Freguesia do concelho de Évora), o Centro Interpretativo dos Almendres, em parceria com a Câmara Municipal de Évora. O seu objectivo principal é apoiar a visita ao Cromeleque dos Almendres com serviços educativos e conteúdos interpretativos sobre Arqueologia e natureza, criando uma experiência pedagógica o mais imersiva possível. Abdicando de todos os equipamentos modernos de interpretação, o Centro Interpretativo dos Almendres, pretende transportar os seus visitantes de volta para a paisagem e para a matéria.

---

<sup>1</sup> [www.montemorbases.com](http://www.montemorbases.com)

## ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO PARA O PATRIMÓNIO MEGALÍTICO

### Turismo cultural



170

Foto 8. Visitantes junto ao Menir dos Almendres, Évora. Fonte: acervo pessoal.

O turismo cultural e os monumentos megalíticos podem ser o pretexto para discussão de temáticas da história, da cultura e comportamentos humanos, tentando sempre estabelecer ligações com o presente, incluindo os visitantes no processo narrativo, plantando pequenas sementes de curiosidade, reflexão e civismo. Se alguma dessas sementes germinar, teremos contribuído para uma comunidade informada, que se conhece no passado e no presente, e que consegue, criticamente, melhorar-se para o futuro. É neste futuro que nos focamos, o futuro da História como motor de desenvolvimento pessoal e cívico e de preservação dos monumentos e sítios que nos propiciam a conexão com o passado.

Um profissional de Arqueologia que use o turismo cultural como ferramenta, passa, inevitavelmente, muito tempo a estudar para as visitas guiadas, nomeadamente por sentir que tem a responsabilidade de manter as informações que dá aos seus clientes o mais actualizadas possível. Além disso, no contacto com o público existe interacção, questões e dúvidas que os clientes levantam e que obrigam a procurar respostas ou, até a fugir ao “roteiro” sem perder o foco.

Quando se trabalha com Pré-História, há que ter em conta que não nos podemos apoiar em registos escritos e que a única maneira de tentar compreender as motivações e o imaginário destes povos pré-históricos é através da especulação. A especulação sobre a Pré-História junto do público em geral é um caminho perigoso e não podemos, simplesmente, apresentar as teorias de forma a que pareça que sabemos com certeza que estas teorias são as correctas.

Sabendo que é difícil e por vezes frustrante para a maioria das pessoas lidar com a incerteza da Pré-História, é preciso salientar que essa incerteza faz parte do "charme" da Pré-História. Em última análise, a Pré-História permite-nos pensar sem esperar uma resposta definitiva e essa sensação de liberdade é muito satisfatória. O melhor de tudo é que, no final de contas, quando se trata do imaginário dos humanos pré-históricos, uma teoria é apenas uma teoria.

Embora o turismo cultural propicie alguma sustentabilidade económica para as comunidades onde os projectos e monumentos se inserem, também pode ter algum risco de impactos negativos na preservação do património. Daí que compete às empresas de animação turística a responsabilidade máxima de formar e potenciar os seus guias, para que estes também possam, por sua vez, educar o público para as fragilidades do património.

### Projectos educativos



Foto 9. Actividades de Arqueologia Experimental no Centro Interpretativo dos Almendres. Fonte: acervo pessoal.

Os programas educativos são aqueles que poderão ter mais impacto nas comunidades locais. Ainda que o turismo cultural traga muitos visitantes aos sítios, a verdade é que a maior parte dos visitantes, que opta por fazer visitas guiadas, não é público nacional. Sendo que compete ao cidadão nacional a tomada de decisões e a participação nos governos locais e nacionais, a educação para o património através do turismo cultural não é tão eficaz.

Por conseguinte, os projectos educativos, mais direccionados ao público em idade escolar, a professores e famílias, podem ser uma boa ferramenta para a valorização, preservação e gestão do património.

Através dos programas educativos, de Arqueologia experimental e de turismo arqueológico, os clientes curiosos são desafiados a pensar sobre si, os seus antepassados e o seu contributo para um mundo mais justo.

### **ALENTEJANOS: ONTEM, HOJE E AMANHÃ**

No discorrer deste texto podemos identificar vários actores neste palco que é a região do Alentejo: os primeiros alentejanos, os alentejanos do presente e os arqueólogos.

É na relação entre todos eles que encontramos a base para a criação de um melhor entendimento da região e dos seus intervenientes. Entendimento, este, que abrirá portas a boas práticas de gestão da paisagem, desenvolvimento económico sustentável, coesão social e valorização da identidade das comunidades alentejanas.

Assim, surge a inevitável pergunta: Como estabelecer uma relação entre os nossos actores, de modo a que possam criar um melhor futuro para os alentejanos de amanhã?

A resposta pode estar na Arqueologia Pública. Esta ciência, qual matriarca de uma grande família, junta à mesma mesa o público em geral, os arqueólogos e, através do conhecimento arqueológico, os homens e mulheres que principiaram as transformações que levaram à criação do Alentejo que conhecemos hoje.

Como *à mesa não se envelhece*, o diálogo acontece. A partilha de conhecimento gerará sinergias e entendimentos entre os vários actores, empoderando-os e munindo-os de ferramentas para pensar o futuro.

### **BIBLIOGRAFIA**

AAVV - O Concelho de Montemor-o-Novo nas Memórias Paroquiais de 1758, in Revista de Cultura Almansor, Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, N.º 3, Montemor-o-Novo. 1985.

ALVIM, P. (2006) - Menires, paisagem, paisagens: os Almendres e a Serra do Monfurado.

ALVIM, P. (2021). Recintos megalíticos do ocidente do Alentejo central, arquitectura e paisagem na transição mesolítico/neolítico. Colibri.

CALADO, M. (2000) - O recinto megalítico de Vale Maria do Meio (Évora, Alentejo). In Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo (Monsaraz, 1996). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 167-182.

CALADO, M., (1997), Vale Maria do Meio e as Paisagens Culturais do Neolítico Alentejano. In Paisagens Arqueológicas a Oeste de Évora, Évora: Câmara Municipal de Évora, p. 41-52.

CALADO, M., (2004), Menires do Alentejo Central. Génese e Evolução da Paisagem Megalítica Regional. Lisboa: FLUL (tese de doutoramento).

COSTA, A. R. G. (2019). As Antas-Capelas em Portugal: Pré- Existências, Tipologias, Cristianização e Formas de Expressão Artística, Lisboa: FLUL (tese de mestrado).

GOMES, M. V., (1986). O cromeleque da Herdade de Cuncos (Montemor-o-Novo, Évora). Almansor, 4, 7-41.

GOMES, M.V. ( 2007), Estela-menir da Herdade do Barrocal (Reguengos de Monsaraz, Évora): resultados dos trabalhos de 1995, in Revista Portuguesa de Arqueologia. volume 10. número 1. p. 43-71.

HOSKIN, M., CALADO, M., 1998, Orientation of Iberian Tombs: Central Alentejo Region of Portugal. *Archaeoastronomy* 23, p. S77-82.

OLIVEIRA, C; ROCHA, L; SILVA, C. M. da (2007), O megalitismo funerário no Alentejo Central – arquitectura e orientações: o estado da questão em Montemor -o - Novo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Vol. 10. Nº 2. Lisboa: IPA, p. 35 -74.

OLIVEIRA, C. (2001). Lugar e Memória - Testemunhos megalíticos e leituras do passado. Colibri.

OLIVEIRA, C. (2008). The moon in the perception and measurement of social and ritual time. Comments on the pre-historic record. In *Cosmology Across Cultures - An International Conference on the Impact of the Study of the Universe in Human Thinking APS Conference Series*, Vol. XXX.

OLIVEIRA, C., & SILVA, C. M. da (2010). Moon, spring and large stones – landscape and ritual calendar perception and symbolization. In *Monumental questions: Prehistoric megaliths, mounds, and enclosures*. BAR Publishing.

OLIVEIRA, J. (2006) – Património Arqueológico da Coudelaria de Alter e as primeiras comunidades agro-pastoris. Évora: Ed. Colibri/Universidade de Évora.

OLIVEIRA, J. de (2023). O menhir da meada - Castelo de Vide. Colibri.

PIMENTA, F, TIRAPICOS, Luís (2008), The Orientations Of Central Alentejo Megalithic Enclosures, in *Archaeologia Baltica* 10, VI Landscape Archaeology And Archaeo-Astronomy.

ROCHA, L. (1999), “Aspectos do Megalitismo na Área de Pavia”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, volume 1, número 1, Mora, p.71-94.

ROCHA, L. (2005), As origens do megalitismo funerário no Alentejo Central: a contribuição de Manuel Heleno (tese de doutoramento).

ROCHA, L. (2013), A anta-capela de Pavia (Pavia, Mora): novos dados sobre o megalitismo desta área, Aroche e Serpa.

SILVA, C. M. da (2000) - Sobre o possível significado astronómico do Cromeleque dos Almendres. *A Cidade de Évora*. Évora. 2:4, p. 109-127.

SILVA, C. M. da (2004) - The spring full moon. *Journal for the History of Astronomy*. Cambridge. 35, p. 475-478.

SILVA, C. M. da; CALADO, M. (2003) - New astronomically significant directions of megalithic monuments in the Central Alentejo. *Journal of Iberian Archaeology*. Porto. 5, p. 67-88.

SILVA, C.M. da, 2004, The Spring Full Moon. *Journal for the History of Astronomy* XXXV, p. 475-478.